



MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO: DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO¹

Autora: Clerislânia de Albuquerque Sousa – UECE/CE

Palavras-chave: Feminismo, Racismo, Gênero.

RESUMO: Este estudo pretende fazer uma abordagem bibliográfica acerca do movimento feminista negro. Como sabemos, o racismo é uma das cicatrizes mais evidentes de nossa sociedade, esta sendo evidenciada de um passado histórico no qual os negros foram colocados na condição de escravos. É importante frisar que mesmo após a abolição da escravidão os negros continuaram a ser visualizados como uma categoria invisibilizada em uma sociedade que durante séculos utilizou-se de sua força de trabalho para enriquecer e crescer. Nesse sentido, faz-se necessário destacar a importância e necessidade em trazer para o foco do debate o movimento feminista negro, visto que a questão da raça pode ser categorizada como um marcador de diferença e no caso das mulheres também faz-se importante mencionar a questão de gênero. Em contextos nos quais o patriarcado ainda é percebido como um sistema no qual delimita os espaços entre homens e mulheres, compreende-se o quanto é importante a inserção dos movimentos liderados por mulheres a fim de dar o espaço e condições mais justas para que elas possam ocupar tais espaços.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a categoria gênero passou e ainda passa por inúmeras transformações. Dentre tais transformações percebidas ao longo dos tempos e que será elencada neste estudo trataremos sobre o movimento feminista, mais precisamente o movimento feminista negro. No entanto, o que motiva estudar tal categoria? Como resposta é possível elencar inúmeras justificativas, tais como: os espaços decisórios sempre foram ceifados das mulheres em todas as sociedades, uma vez que para as mulheres de sociedades passadas o seu destino já era traçado desde o seu nascimento: matrimônio e maternidade. A figura do homem como alicerce da família² já era um assunto tão enraizado que para as mulheres não conseguir um casamento poderia ser um motivo de desprestígio.

A partir desse nicho limitador o qual as mulheres eram colocadas, eram subtraídos delas direitos os quais possuímos hoje e que os quais possivelmente ou não, acabam tornando-se comuns para as sociedades contemporâneas, os quais em épocas passadas foram conquistados devido a luta dessas mulheres desbravadoras decorrente o movimento feminista. Segundo historiadores, o movimento feminista passou por algumas ondas, dentre a qual, por enquanto, destacaremos a primeira onda, onde foram alcançados os direitos ao voto, trabalho e educação, passando por mais duas ondas e consoante ROVERE (2019) destaca, estaríamos passando pela quarta onda do movimento desde o ano de 2017, uma vez que as mulheres expõem novos contrapontos acerca de outras temáticas, dentre as quais podemos elencar: comportamento, discurso e imagem das mulheres.

Tal abrangência e o consolidação do movimento principalmente por parte das mulheres demonstra que estamos no caminho certo. E sobre o movimento feminista negro? Ao longo dos anos despontaram inúmeras intelectuais negras que trouxeram contribuições significativas sobre o assunto ao passo que também possibilitaram a expansão do assunto, assim como, puderam empoderar muitas mulheres. A partir deste prima, este estudo busca fazer uma revisão de literatura, preferencialmente com intelectuais negros e negras, a fim de discutir a importância do movimento feminista negro, assim como, trazer colocações que busquem trazer no leitor inquietações para

² Tal contexto é decorrente do patriarcado. Sistema onde a figura masculina era colocada como o centro da família, ao passo que a mulher era categorizada como mãe e esposa, diretamente relacionada a atividades domésticas.

que seja possível a compreensão de como o posicionamento e principalmente a atuação desses movimentos são fundamentais para o alcance dos direitos das mulheres.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Patriarcado e seus reflexos

Se pensarmos bem, nossa história é marcada por inúmeras cicatrizes. A existência de muitas destas cicatrizes decorrem de ideologias do passado que permanecem vivas na atualidade. Uma dessas ideologias é o patriarcado. Conforme mencionado anteriormente, o patriarcado delimita os papéis que devem ser desempenhados por homens, estes, ficando com as posições de destaque, enquanto as mulheres restavam as atividades domésticas.

No que concerne tal situação, Safiotti, (1987, p. 8) comenta:

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem.

O mais preocupante de tal delimitação desses espaços, é a forma como a sociedade tenta tornar algo errado como normal, colocando uma explicação sem nenhum nexos, conforme é exposto por Safiotti, (1987, p. 9):

A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz.

A fim de ratificar o quanto o patriarcado e a delimitação de tais espaços ainda são perceptíveis em nossa sociedade, destaco a matéria veiculada na Revista Veja em 2016³, no qual trazia como título: Marcela Temer: bela, recatada e do lar. Tal matéria ganhou bastante notoriedade, tanto pelo seu conteúdo, o qual trazia uma visão totalmente limitada e estereotipada da mulher, quanto pelo perfil conservador, considerando-se cenários nos quais as mulheres estão mais empoderadas e principalmente mais conscientes do seu papel de agentes transformadoras na sociedade.

³ Matéria da Revista Veja publicada em 2016 causa repercussão devido o tom conservador. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

2.2 O problema sem nome e o contraponto de Hooks

Dentre os avanços alcançados pelo feminismo ao longo dos tempos, algumas obras ganharam bastante notoriedade a fim de relatar as angústias vividas por essas mulheres e uma dessas obras que representou a 2ª onda do feminismo é o livro a *Mística Feminina* da americana Betty Friedan. O livro retrata em seu ponto central o problema sem nome, podendo ser caracterizado como a rotina doméstica a qual as mulheres americanas daquele período estariam destinadas. A busca por um marido era tão disseminada, que geralmente garotas ainda adolescentes já estavam noivas. As revistas daquele período ensinavam como cuidar da casa, como manter-se bonita para o seu marido dentre outras dicas a fim de que as esposas pudessem manter seu casamento.

Acerca desse problema sem nome, Friedan (2020, p. 13) disserta:

O problema permaneceu oculto, silenciado, por muitos anos na mente das mulheres estadunidenses. Era uma inquietude estranha, uma sensação de insatisfação, um desejo que afligia as mulheres na metade do século XX nos Estados Unidos. Cada dona de casa suburbana lidava com ele sozinha. Enquanto arrumava as camas, fazia compras, escolhia o tecido para forrar o sofá, comia sanduíches de pasta de amendoim com as crianças, fazia as vezes de motorista dos escoteiros, deitava do lado do marido à noite....temia fazer a si a mesma pergunta silenciosa: “Isso é tudo?”

Tal descontentamento já era previsível, visto que as mulheres deste período muitas vezes deixavam a escola para dedicar-se exclusivamente ao marido, casa e futuramente aos filhos. Nesse sentido, a taxa de alunas matriculadas nas escolas eram baixas, se comparadas com os percentuais dos homens. Cabe destacar que as mulheres matriculadas estavam estudando, mas com o propósito de conhecer seu futuro marido.

No que concerne a obra de Friedan, outra autora faz um contraponto bastante pertinente acerca da limitação de um determinado grupo de mulheres o qual é apontado na *Mística Feminina*. Tal observação é exposta por bell hooks, teórica feminista americana, onde disserta:

A famosa frase de Friedan, “o problema que não tem nome”, geralmente citada para descrever a condição da mulher nessa sociedade, na verdade se referia ao drama de um seleto grupo de esposas brancas das classes média e alta, com nível superior – mulheres do lar, entediadas pelas horas de lazer, atividades domésticas, crianças e compras, e que esperavam mais da vida. [...] ela simplesmente ignora a existência de todas as mulheres que não são brancas ou que são brancas, porém pobres. Ela não diz aos leitores se a vida de uma empregada doméstica, de uma baby-sitter, de uma operária, de uma secretária ou de uma prostituta traz mais realizações do que a vida de uma esposa da classe do lazer. (HOOKS, 2019, p. 27-28).

Partindo disso, infere-se o quanto é importante um movimento específico das mulheres negras, com uma agenda própria e pautas que visem dar maior representatividade para elas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Pensamento Feminista Negro Estadunidense

Não se pode falar sobre feminismo negro sem trazer abordagens do feminismo negro estadunidense. Dentre as intelectuais que abordam o assunto, merecem destaque, além de hooks, Ângela Davis e Patrícia Hill Collins. A obra de Collins faz uma abordagem direta sobre o quanto os brancos colheram os frutos oriundos do trabalho dos negros, ao passo que retrata a necessidade das mulheres libertarem-se da opressão a qual estavam vivendo. Sobre isso, Collins aborda em um dos capítulos de sua obra a trajetória de Maria Stewart no ano de 1831, esta sendo uma ativista pelos direitos das mulheres.

Maria Stewart incentivou as afro-americanas a rejeitar as imagens negativas da condição de ser mulher negra, tão presentes em seu tempo, assinalando que as opressões de raça, gênero e classe eram as causas fundamentais da pobreza das mulheres negras. Em seu discurso realizado em 1833, declarou que, “assim como o rei Salomão, que não pegou em prego nem em martelo na construção do seu templo, mas levou os louros por ele, os estadunidenses brancos levam o mérito [...] quando, na realidade, sua principal base e alicerce fomos nós”. (COLLINS, 2019, p. 29).

Stewart pontuou a necessidade das mulheres saírem do estado de letargia e buscarem sua independência, sendo “uma das primeiras feministas negras a motivar a articulação das mulheres, criando o início de um ativismo” (COLLINS, 2019). Cabe também destacar os empecilhos que as intelectuais negras desse período sofriam, uma vez que havia a omissão de seu discurso nas obras das colegas brancas, trazendo um tom de invisibilidade para a situação das mulheres negras.

No que tange a trajetória de Davis, a mesma é um símbolo do movimento das mulheres negras. Suas obras retratam todos os empecilhos enfrentados pelas mulheres ao longo da história, além das questões não só de raça, mas de classe e gênero, tão perceptíveis na atualidade, o que faz com que o movimento negro estadunidense seja o ponto inicial para a disseminação do movimento em outros países, como no Brasil.

3.2 Feminismo Negro no Brasil

Acerca do feminismo negro no Brasil, o mesmo teve início no final dos anos 70 no Brasil. Dentre as motivações para seu início, decorre-se do desmembramento do movimento negro, este com um viés sexista, não possibilitando as mulheres negras que compunham o movimento a chance de igualdade com os homens. No mesmo período também ocorre a separação do movimento feminista, visto que as pautas das mulheres eram mais centralizadas para as mulheres brancas. Partindo disso, as mulheres negras percebem a necessidade de criação e articulação de um movimento próprio, com uma agenda específica, a fim de buscar seu espaço.

Dentre grandes nomes do movimento feminista negro, as quais também possuem obras publicadas, contribuindo com a literatura negra, podemos elencar: Jurema Werneck, Lélia Gonzales e Sueli Carneiro, esta que trouxe em uma de suas obras o termo enegrecendo o feminismo, a fim de explicar a necessidade das pautas próprias oriundas do movimento feminista negro. Dentre as autoras contemporâneas, se assim podemos denominar, podemos destacar: Carla Akotirene, Juliana Borges e Djamila Ribeiro, dentre tantas outras que estão dando voz e espaço para as mulheres negras, buscando contribuir para o protagonismo dessas mulheres na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão de literatura deste estudo, foi possível perceber o quanto as questões de gênero contribuíram para os papéis do homem e principalmente o da mulher nas sociedades. Aliado a isso, insere-se a questão de raça, sendo esta decorrente de um passado marcado pela escravidão, os quais seus reflexos podem ser percebidos na atualidade.

Partindo-se disso, compreende-se a necessidade dos movimentos sociais, principalmente para quebrar ideologias do passado que permanecem no presente, causando lacunas para a igualdade e equidade de direitos. No que tange este estudo, foi percebido que as mulheres foram e ainda são uma categoria que busca os seus direitos em inúmeras esferas, mesmo em ambientes nos quais outras vantagens acabam sobressaindo-se.

Destaca-se a importância do movimento feminista negro, este sendo essencial para dar o destaque e empoderamento que as mulheres merecem. É importante enfatizar que a conscientização é um passo importante para o início da mudança,

consoante é colocado por hooks (2020, p. 25) “feministas são formadas, não nascem feministas”. Nesse prisma, compreende-se a importância em empoderar mulheres para que elas sejam multiplicadoras desse movimento e busquem seu espaço, para assim, mudar o futuro.

BIBLIOGRAFIA

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen, 2019.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

ROVERE, Maxime. **Arqueofeminismo – Mulheres Filósofas e Filósofos Feministas Séculos XVII – XVIII**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.